

A MEMÓRIA DA EDITORA UNIVERSITÁRIA DA UFPB: HISTÓRIA DE VIDA DOS SERVIDORES NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA INSTITUIÇÃO

THE MEMORY OF THE UNIVERSITY PUBLISHER OF UFPB: LIFE HISTORY OF THE SERVERS IN THE CONSTRUCTION OF THE INSTITUTION'S MEMORY

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Izabel França de Lima

Resumo: O Estudo aborda a história da Editora da UFPB a partir das lembranças individuais de seus servidores e ex-servidores que testemunharam uma trajetória marcada por um vasto e significativo número de publicações didática, literárias e científicas, bem como sua implantação, valorização e esquecimento. Metodologicamente, a pesquisa pautou-se na abordagem qualitativa do tipo documental associada a história oral na perspectiva da história oral temática e de vida dos servidores mais antigos da editora, dos quais alguns encontram-se em plena atividade. Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência. As narrativas dos sujeitos ouvidos revelam uma instituição de vasta história permitindo aflorar a emotividade dos servidores que testemunharam uma estrutura promissora e vivenciaram sua decadência nas sucessivas gestões da universidade.

Palavras-chave: Memória institucional; História de vida; Editora da UFPB.

Abstract: The study covers the history of the Publisher UFPB from individual memories of your servers and former employees who witnessed a trajectory marked by a large and significant number of didactic, literary and scientific publications, as well as its introduction, appreciation and failure. Methodologically, the research was based on the qualitative approach of documentary type associated with oral history from the perspective of thematic oral history and life of older servers of the publisher, some of which are in full activity. It is understood by one set of memory events, facts, characters that, through their existence in the past, have consistent experiences to establish a relationship of today and their past, either immediately or remote. This relationship is always mediated by the experience. The narratives reveal the subjects' ears wide history of an institution allowing emerge emotionality of servers that witnessed a promising structure and experienced a decline in successive administrations of the university.

Keywords: Institutional memory, history of life, Publisher UFPB

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe a consolidação de uma ação integrada e já em andamento pelos grupos de pesquisa, Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP) e a Editora da UFPB (EDUFPB). O interesse comum pelo mesmo objeto de estudos reforça a parceria que se estende também para Instituições, afinal a memória institucional engloba a história da produção científica da editora que registra sua primeira impressão em meados de 1962 ainda na qualidade de imprensa universitária. Com mais de

meio século de funcionamento a editora da UFPB tem uma trajetória marcada por um vasto e significativo número de publicações didática, literárias e científicas.

O ano de 1962 representa o marco histórico da Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba ao publicar sua primeira obra resultante de pesquisas intitulada *Augusto dos Anjos* e sua época, da autoria de médico e escritor paraibano Humberto Carneiro da Nóbrega.

Com mais de 50 anos de atividade editorial, a EDUFPB ultrapassa a marca dos mil títulos publicados e conquistou seu espaço entre as demais congêneres do país voltadas para a divulgação da ciência e tecnologia.

Contudo, alguns registros tendem ao embaralhamento entre as datas de sua fundação histórica contribuindo para embaçar o passado profícuo da produção científica no âmbito da EDUFPB, bem como provocando controvérsias sobre os estudos memorialísticos das editoras públicas universitárias. Para uns, como Fernandes (2000), a Imprensa Universitária da Paraíba surgiu em 1965, tendo como missão “a canalização, através do livro, da produção intelectual da comunidade universitária e do Estado da Paraíba, fazendo com que essa fortuna seja divulgada em todo o país” (CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES, 2000, p. 5).

Todavia, de acordo com professor Geraldo Batista de Araújo, o primeiro diretor da EDUFRN, declara em depoimento a pesquisa de mestrado sobre a editora da UFRN que visitou a Imprensa Universitária da Universidade Federal da Paraíba, em 1962, para se inspirar no modelo de gestão e empreendimento e sugeri-lo à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PEREIRA, 2012). Versão que coincide com os dados apresentados no primeiro Catálogo de Publicações 1962-1988 (RAMALHO; FELIX, 1988), o qual registra: a primeira obra da IU/UFPB foi publicado em 1962. Logo, essa editora foi criada em 1962 ou antes.

Esse mesmo catálogo, organizado por Wilza da Costa Ramalho, Bibliotecária-Chefe do Setor de Seleção da Biblioteca Central da UFPB, à época, e Maria do Socorro Azevedo Felix, bibliotecária atuante também na Editora, reitera mais uma vez essa informação. Em 1965 já eram oito os títulos publicados pela EDUFPB e mais o periódico *Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba* (Catálogo de Publicações, 1988, p. 9-43). Ferreira (2006) também trabalha com essa mesma informação. A autora detalha que entre abril e maio de 1964, o golpe militar afastou o Chefe da Imprensa Universitária da UFPB, o jornalista Luiz Gonzaga Rodrigues (UFPB 50 anos, 2006, p. 55). A propósito, a Imprensa Universitária da UFPB resistiu como pode à mordada, publicando no ano seguinte, em 1965, “*Cravina Alsfaltada*,” um conto em 45 páginas, pelas Edições Caravela (MELO, 1994, p. 127). Os fatos

supramencionados reiteram que a Editora Universitária da UFPB não só existia antes de 1965, como tentou enfrentar a camisa de força imposta pela ditadura militar à livre divulgação de ideias. Em 1998, circulou o segundo catálogo da EDUFPB, atualizado por Germana Laura Helena da Silva, à época aluna do Curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB sob a orientação da professora Joana Coeli Ribeiro Garcia, fonte que registra as obras que se encontravam no prelo.

O terceiro catálogo, lançado em 2000, contempla em suas 91 páginas que a EDUFPB publicou até o ano de 2000 mais de 700 obras. Vale ressaltar que 1978 foi o ano em que a Imprensa Universitária da UFPB passou a ser denominada Editora Universitária da UFPB (EDUFPB). No entanto, independente do nome original, a cinquentenária Editora Universitária da UFPB precisa construir suas memórias bem como o papel por ela desempenhado na divulgação da informação técnico-científica no âmbito da Paraíba e pela contribuição na divulgação da produção científica.

Nesse sentido a proposta em questão situa-se no âmbito das pesquisas que envolvem informação e memória institucional especificamente em função do interesse da Linha de Pesquisa Memória, organização, acesso e uso da informação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como subsídios à consolidação científica da área da Ciência da Informação em nível nacional e internacional.

Isto posto, cumpre-nos perceber a memória na interseção sujeito/instituição, o que amplia a compreensão da memória enquanto propriedade estática de conservar informações, dando-lhes certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si própria, por meio da sua relação no presente com o passado. Nessa perspectiva pode-se dizer que a memória em sua função social formata-se e se sustenta em uma origem comunicativa, ou seja, ela decifra o que somos hoje, o que já não somos mais. Daí a importância de preservar elementos patrimoniais enquanto lugar de memória (NORA, 1993).

De modo que preservação da história institucional tornou-se foco de discussões no âmbito da sociedade contemporânea e de organismos internacionais a exemplo da UNESCO que em 1992 criou o Programa “Memória do Mundo” com o objetivo de propor ações de criação, manutenção, preservação e disseminação de acervos. No Brasil o Comitê Nacional do Brasil tendo sido instalado em 2004 e regulamentado pela Portaria n. 61, de 31 de outubro de 2007.

Preservar o patrimônio é, portanto, missão inerente à área da documentação. Em face dessa prerrogativa pode-se dizer que bibliotecários, arquivistas, museólogos, historiadores,

arqueólogos entre outros profissionais partilham da ideia de que preservar é preciso. Nesse sentido, observa-se que há uma crescente busca pela preservação patrimonial, sobretudo, quando se atrela o patrimônio às questões memorialísticas.

Por outro lado, a memória, como diz Barros “é a aquisição, o armazenamento e a evocação de informações”. Concepção ampliada por Ricouer (2007) ao debruçar-se sobre a memória, na obra “Memória, história e esquecimento”, em que inicia sua reflexão considerando a memória como algo isolado, e traz à tona a problemática da continuidade e da descontinuidade. Em outro texto Ricouer (1990) vai referenciar a memória como algo que dialeticamente vive um embate permanente entre dois polos: lembrar e esquecer. Estes embora opostos, não se excluem.

De modo que uma das preocupações da sociedade contemporânea é possibilitar a preservação da memória institucional com vista à construção memorialística e identitária. Os estudos que contemplam essas questões estão sendo relevados atualmente. São importantes à construção da nossa história e, juntamente com outras manifestações folclóricas, como danças, folguedos e dramatizações, constituem um patrimônio cultural que precisamos preservar.

Ao referir-se a cultura, ao patrimônio e objeto em relação à memória social estabelece que a cultura seja o elemento que a embasa; patrimônio o conjunto de informações revelador de significados, e o objeto o mediador das relações e ações sociais formando categoria constituinte ou inerente ao patrimônio. Os traços, os vestígios e anotações são documentos recheados de memória social “atualizado por circunstâncias, rememorados na dimensão do coletivo que é construção incompleta” (DOBEDEI, 2005, p. 43).

A esse entendimento associamos ainda a compreensão de Fischer (1997) ao referir-se a cultura enquanto expressão identitária e singular de uma determinada sociedade, em que provoca implicações em hábitos e comportamentos, fenômeno da profunda miscigenação e seu “conseqüente intercâmbio cultural, que dá essa cor local e que implica em práticas e ações que dizem respeito a todos”. (FISCHER, 1997, p. 259).

De modo que esta pesquisa assenta-se na perspectiva de não permitir cair no esquecimento a história da Editora da UFPB, enquanto uma das primeiras editoras universitárias do nordeste, sobretudo no que concerne a recuperação e disponibilização de informações sobre as obras publicada por essa editora.

Em face desse entendimento a presente pesquisa fundamenta-se num levantamento preliminar sobre a memória institucional da editora da UFPB e o papel por ela desempenhado ao longo dos seus mais de 50 anos ininterruptos de atividades. Para tanto, traçou-se para o

primeiro momento os seguintes objetivos: a) preservar a memória institucional da Editora a partir da história de vida dos servidores e dirigentes.

2 ENTRE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência, visto que:

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. [...] Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultura, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal. (DIEHL, 2002, p. 116)

Essa noção está transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, já que ela constitui, através de um processo de representação, onde são criados referentes para sua cristalização nas consciências, quer individual quer coletiva, aproximando-a, em muito, da noção de identidade. Entendendo a memória como o encadeamento de elementos que remetem a um passado, real ou fantástico, e que são dados na esfera da consciência individual ou, principalmente, coletiva, que é referendada no reconhecimento dos patrimônios culturais, recuperados. Sendo que esta memória, enquanto construção está intimamente relacionada com a representação, em especial cultural, de sua própria história (COSTA, 1996). A multiplicidade de memórias presentes na vida cotidiana leva a considerar que:

A questão fundamental continua sendo a dos atributos da memória. Todos sabiam que uma memória não se molda necessariamente a uma ordem cronológica, que ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória [...] As funções culturais das memórias ditas coletivas não correspondem senão a uma maneira possível, dentre outras, de estabelecer uma ordem dinâmica de traços mnêmicos. [...].

A memória não deixa de brincar com a identidade, embora mantenha um pacto com ela. Para quem quer que seja, o interesse conferido a lembrança só se torna princípio de satisfação na confusão das evocações nesse emaranhado que chama outras lembranças, ainda que a busca da verdade ou da autenticidade seja a sua finalidade aparente. (JEUDY, 1990, p. 19)

Esse posicionamento leva o conceito de identidade relacionar-se diretamente com a classificação, como foi indicado por Azevedo Netto (2008) já que é através dela que se inclui

ou não determinado elemento dentro de um segmento dado, “identificando-o” com um grupo de coisas semelhantes ou não. O que leva a relacionar o segundo foco da identidade, que passa, de acordo com Duarte (1997), pela definição filosófica do princípio de identidade, formulado originalmente por Aristóteles, onde um ente não pode, em um mesmo espaço-tempo, ser e não ser. Então:

Sob este ângulo a questão da identidade articula-se com os problemas da dicotomia de indivíduo/sociedade e com seus diversos corolários, entre os quais o da moderna partilha entre os saberes “psicológicos” e os saberes “sociológicos” e - sob um certo prisma – entre os reinos da emoção e da razão. Durkheim é aqui mais uma vez fundamental, dada à especificidade de que se cerca em sua obra o estatuto do “indivíduo” face à realidade e extensão dos “fatos sociais”. (DUARTE, 1997, p. 71)

Neste foco, a identidade passa a ser vista como estreitamente relacionada com o conceito de identificação, já que passa pela esfera relacional, entre o indivíduo e seu grupo e entre os grupos que se relacionam. Portanto a:

[...] identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural [...] esta identidade resulta unicamente das interações entre grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (CUCHE, 2002, p.182)

Com essa aproximação do universo simbólica traz para a discussão a noção de documento, como algo que atesta alguma coisa (LEGOFF, 2003) e demanda o seu entendimento a partir da representação, quando eventos, coisas, textos, fazeres ou demais elementos, trazem em si a presença de outros elementos, que se refletem, remetem ou induzem uma ligação. Os atributos desses elementos que estabelecem essa vinculação passam por induções objetivas e subjetivas, coletivas ou individuais, escolhidas ou impostas, mas sempre ocorrem dentro de um contexto de agenciamento como foi colocado por Jones (2007), onde refletem situações sócio-culturais e cronológicas definidas, quando ainda se relacionam com a construção de identidades coletivas a partir da memória coletiva (WILSON, 2010). Assim, o documento, independentemente de sua natureza ou suporte, torna-se o elemento que possibilita remeter os eventos do passado a uma construção do presente.

Considerando a informação como artefato, Pacheco (1995) a categoriza como um produto resultante da existência humana, ferramenta produzida e/ou percebida pelo homem, como um dos elementos necessários para a construção do conhecimento. Como artefato, a informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. Assim essa relação é efetivada na medida em que:

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada - o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização. (PACHECO, 1995, p.21).

Corroborando com a perspectiva de Pacheco (1995), Marteleto (1995, p. 90) ao debruçar-se sob os aspectos da cultura, entende que cultura e informação “são conceitos fenômenos interligados pela sua própria natureza”. Nesse sentido a cultura assume uma prerrogativa memorialística, especificamente ao revelar-se como espaço de conservação e reprodução de artefatos.

Para Zeman (1970, p. 17), portanto:

A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui, igualmente, sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria - é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores.

Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da “entelequia”) e sim inerente a ela, inseparável dela.)

Considerando, portanto a cultura e memória e esta como “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419). Concebemos então, a memória como conjunto de elementos que percebidos no presente remete-nos a um passado real, efetivados por meio da consciência individual ou coletiva que na visão de Azevedo Netto (2007, p. 9) são referendados “no reconhecimento dos patrimônios culturais, recuperados. A multiplicidade “de memórias presentes na vida cotidiana”.

Por outro lado, à relação entre informação e memória, pode ser considerada, na medida em que um determinado conjunto de informações que se referem ao passado de determinadas expressões culturais são reunidas e relacionadas entre si, constantemente construídos e reinterpretados, revelam um sentido de compartilhamento desse mesmo passado.

Assim, pode-se exemplificar a relação entre a informação e a memória na multiplicidade de suportes que a informação pode assumir, no seu processo de representação através da cultura material, expressos como documentos e monumentos (LEGOFF, 2003), e

aqui representadas pelo conjunto da produção cultural dos poetas populares brasileiros, materializadas em papel e preservadas em várias instituições no Brasil. De outro modo, sendo a memória socialmente construída está vinculada à cultura e a informação.

3 NAS TRILHAS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem relação intrínseca com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados históricos revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 480), constituindo as fontes de uma história da produção literária, acadêmica e didática dos professores e pesquisadores que publicaram na Editora da UFPB. A memória institucional da Editora UFPB será vista em toda a sua dimensão, incluindo-se aspectos como: função dos documentos, sua forma, seus autores, fragmentos de textos, considerando-os como *locus* privilegiado de testemunho, memória e história. De certo modo pretende-se eleger toda a produção publicada pela UFPB tomando-as como artefato memorialístico, fonte privilegiada, tornada, ela mesma, objeto deste estudo. Ao percorrer os acervos das instituições parceiras, devem-se observar as particularidades da história da Editora, constituindo uma identidade, através de sua produção, configuradas em documentos que guardam as memórias dos autores, bem como a memória institucional da UFPB e da Editora.

A pesquisa pauta-se pela abordagem qualitativa do tipo documental associada a história de vida. Este tipo de pesquisa segundo Helder (2006, p. 1-2), a pesquisa documental “vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas”. Oliveira (2007, p. 70) complementa que neste tipo de pesquisa deve-se atentar para uma análise cuidadosa, “visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico”.

A análise das fontes de informação induziu à busca e à adoção do conceito de análise documental que, segundo Aróstegui (2006, p. 508) é “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico”.

Nessa primeira fase de caráter estritamente exploratória foi desenvolvida a partir da memória institucional da editora com recursos da História Oral, na modalidade história oral de vida e história oral temática. O instrumento de coleta adotado foi à entrevista aberta com os servidores e ex-diretores da instituição buscando captar a história de vidas dos servidores e como ela se entrelaça com a memória da Editora da UFPB.

A partir dos dados das entrevistas, as narrativas da história de vida pessoal dos sujeitos participantes, expressadas através de suas narrativas, foram legendadas da seguinte forma: **S1, S2, S3, S4, S5**. É desse modo que os sujeitos foram nomeados no decorrer desta pesquisa, contribuindo para analisarmos as narrativas de vida de cada um deles e sua relação com a memória institucional da EDUFPB.

A apresentação dos relatos por uma questão meramente didática seguirá a cronologia das fontes pela data de ingresso dos servidores nos serviços gráficos da UFPB, privilegiando neste recorte os servidores mais antigos do setor.

4 EDITORA DA UFPB: SOB A IRIS DO SEU SERVIDOR

As questões apresentadas aos entrevistados foram abertas para receber respostas espontâneas, iniciando pela história de vida de cada um e incluindo-se o ingresso na UFPB e posterior designação para atuar junto a Editora. Com base nas narrativas construiu-se o perfil desses servidores e a partir de suas lembranças individuais construir as memórias da Editora da UFPB.

4.1 O Perfil dos Servidores da Editora da UFPB

A sua história profissional não se trata apenas de uma “reminiscência pessoal” (GOODSON, 1995) porque não teria muita importância, mas refere-se à vida profissional, porque ambas se entrelaçam. Assim, a vida pessoal é apenas um espelho de uma relação mais complexa que permite ouvir a narrativa dos profissionais exercitadas nas práticas cotidianas. Nesta pesquisa, trata-se de ouvir o que o profissional tem a dizer, procurando-se respeitá-lo, e proceder rigorosamente com os dados que ele fornece em suas narrativas, as quais constituem o conjunto de falas que servem para ilustrar a análise.

O ser humano, na medida em que mantém uma relação reflexiva consigo mesmo, não é senão o resultado dos mecanismos nos quais essa relação se produz e se medeia. Os mecanismos, em suma, nos quais o ser humano se observa, se decifra, se interpreta, se julga, se narra ou se domina. E, basicamente, aqueles nos quais aprende (ou se transforma) determinadas maneiras de observar-se, julgar-se, narrar-se ou dominar-se (LARROSA, 2004, p. 35).

Esses profissionais fazem dessas práticas a ação dos diferentes meios a que cada um deles está sujeito e o que os condicionou profissionalmente. Assim, para conhecer a história de vida dos servidores lotados na Editora da UFPB. Recorreu-se ao conhecimento da vida pessoal dos sujeitos, de suas narrativas, ações e práticas, utilizamos a entrevista que, segundo Triviños (1995, p. 146), “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de

interrogativas, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Essa entrevista revelou-se significativa no que diz respeito a história da Editora e da vivência pessoal e profissional, no contexto das ações desses servidores e na dinâmica de suas atividades no local em que exerceram e exercem suas funções. Como dito seguiremos a ordem cronológica de contratação que será referenciada entre parênteses após a identificação por código de cada entrevistado. Nesse sentido ao se permitirem falar narraram:

S1 (1965) Do sexo masculino, S1, nasceu na cidade de João Pessoa [PB], bairro de Jaguaribe, Eu sou de treze de dez de mil novecentos e trinta e oito. Eu desde criança sempre fui dedicado. Porque antigamente agente tinha que fazer os próprios brinquedos, sempre fui, e eu me lembro que aos 12 anos por aí assim, minha mãe falava que eu queria ter uma bicicleta pra montar e desmontar pra aprender, e ela comprou uma bicicleta era 200 cruzeiros, 200 reis cruzeiros, na época eu não me lembro mais a moeda, e 4 horas da manhã ela presenciou eu e meu irmão com as ferramentas, em vez de ir andar na bicicleta, tirar proveito da bicicleta agente foi desmontar lubrificar e montar pra mostrar que sabíamos fazer. Foi aí que eu tomei gosto por essa coisa né, aos 12 anos eu fui para a escola industrial em 1951 a 52. Em 51 eu fui para lá como aluno, tinha um rodízio em 6 profissões, agente passava 15 dias em cada setor, os primeiros dias fazia uma prova, naquela que tirasse melhor nota aí o camarada era indicado para fazer aquele curso, e eu me destaquei na parte gráfica, e mesmo já estudando a noite, eu trabalhava na Tipografia Vitória de Severino Chaves, localizada perto da maternidade Cândida Vargas, no Bairro de Jaguaribe. Me dediquei antes eu já, depois que eu sai fui trabalhar na fábrica Ilha Batatão de Miranda Freire, lá onde funcionava o lixão do Roger pra aqueles lado. Era fábrica de tinta para gráficas, que naquele tempo se usava uns tinteiros, era tinta e goma arábica, aquela cola. Aí de lá eu fui trabalhar na tipografia Triunfo e depois no Jornal União¹²⁴, e depois retornei para o Batatão, já trabalhando a noite, eu saia do Jornal da União de 01:00h, descia direto para lá, trabalhava até 09:00h da noite. Lá por sorte ou esforço me destaquei nas minha funções e me chamaram assumir cargo de comando.

S2 (1977) Do sexo feminino S2 assim se expressa nasci no dia vinte de janeiro de cinquenta e um, Nasci e minha infância todinha foi em Jaguaribe, bairro tradicional e histórico da cidade de João Pessoa/PB.

S3(1978) Do sexo masculino S3 nasceu em 1958na capital da Paraíba, mas trabalhava em Recife, Pernambuco. Vivi maior parte da minha vida em Recife/PE. Em setenta e sete o

¹²⁴ O Jornal A União é o mais antigo periódico diário do estado e pertence ao Poder Público estadual, com mais de 120 anos de existência.

diretor comprou uma impressora Off Set, aí eu vim em setenta e oito, em fevereiro. Eu vim olhar as máquinas que não tinha nenhum impressor aqui, pois sou técnico em artes gráficas.

S₄ (1979) Do sexo masculino S₄ verbalizou: Sou daqui de João Pessoa, paraibano, nasci em Jaguaribe onde até hoje resido.

S₅ (1992) Do sexo masculino, S₄ nasceu em uma pequena no interior da Paraíba, no Brejo da Paraíba chamada Alagoinha, o pai era agricultor e o seu maior orgulho foi colocar os filhos pra estudar. Em 1969 a gente saiu do interior e veio pra capital João Pessoa porque o interior não dava condições de estudar, na capital se teria mais oportunidade de estudar, assim pensava meu pai e era seu desejo. Na minha família, hoje nós somos nove, sendo quatro homens e cinco mulheres, naquele tempo pra ser doutor, ter uma colação de grau, ter um filho numa universidade já era uma glória e lá em casa só não conseguiu titular-se, no mínimo, na graduação quem não quis.

4.2 Caminhos entrecruzados: o ingresso no serviço público e na editora

S₁ (1965) Eu trabalhava no jornal “A União” em 1964, desde 1960 que eu entrei nesse jornal. Em 4 de abril de 60, e em 64 no final do mesmo ano tomei conhecimento que estava sendo construído o prédio onde funcionaria a Imprensa Universitária da Universidade Federal da Paraíba. Depois tomei conhecimento chegara os caixotes com as máquinas e que eu era um dos cotados pra ir trabalhar lá na Editora, na Gráfica da Universidade, aí eu trouxe minha carteira de trabalho era primeiro de março de mil novecentos e sessenta e cinco. Quem me trouxe para foi Cláudio Leite Pessoa que agente chamava de Dudu, ele foi o primeiro chefe do setor. Tinha também o Doutor Arael Menezes da Costa, primeiro diretor e Cláudio Leite Pessoa o primeiro chefe, sendo responsável pela indicação do meu nome. Em fevereiro de mil novecentos e sessenta e cinco eu estava de férias, aí digo vou lá fazer uma visita né, a construção e a instalação, aí fui eu e um amigo meu, José da Costa Cabral, nós fomos lá, nós dois, e quando cheguei lá estavam já as máquinas instaladas nos cantos, dependendo só dos acabamentos final, dos acertos, aí como eu estava de férias do jornal A União, disse rapaz já que tu ta de férias aproveita, quer dá uma ajudinha agente aqui vocês dois? Eu disse só se for agora, aí fiquei trabalhando, já fiquei ajudando na montagem, e dai comecei a trabalhar, fiquei trabalhando ajudando o pessoal na montagem, na afinação das máquinas, já fiquei por lá ajudando na montagem, limpeza das máquinas, fazendo os acertos, montando, ajustando, e finalmente, comecei a trabalhar. Eu testemunhei a instalação de todas as máquinas, de cada parafuso.

S2 (1977) Eu trabalhava no comércio, quando eu cheguei em casa tinha um recado do meu irmão, que meu irmão era funcionário da Universidade, tendo como chefe Sr. Toinho Nera. Aí tinha um recado: Gloria compareça na imprensa. Que não era editora era imprensa universitária. Eu falei com Seu Toinho. Antes só trabalhava homem, mas o serviço tava ficando atrasando demais não saía. E os homens discutiam, enfim. Aí o diretor disse vamos botar mulher pra ver se o processo acelera. Foi ai que ele chamou a mim, Rosilda e Dona Dulce. Fui trabalhar direto no acabamento, porque eu cheguei falei com Seu Toinho, eu disse: sou irmã de Euder, quando é que eu começo? Quando é que a Senhora começa? A Senhora vai agora. Pode ir pra li. Aí eu disse e o outro emprego? Eu digo não, no final de semana eu resolvo. Aí já fiquei trabalhando. Aí pronto ingressei na Universidade no dia vinte e quatro de agosto de setenta e sete, tudo sem contrato, sem nada. Apenas com uma gratificação, eles davam uma gratificação, quando foi em setenta e oito, dia primeiro de março, foi que vieram assinar a carteira da gente. Aprendi com meu irmão o ofício de encadernador. Ele levava para casa, daí eu via e ajudava no trabalho. Depois fui pra Escola Técnica, tirei curso de encadernadora em 1980. De encadernação eu faço tudo. Em 1988 nós passamos para estatutário, ou seja, fomos admitidos como servidora pública federal, melhorou muito.

S3(1978) Vim com as máquinas alemãs até o consulado de lá veio pra cá no dia da inauguração, foi um festão. Isso tudo foi na direção do Sr. Pontes. Comecei a trabalhar em gráfica quando tinha quinze anos. E nem me lembro de mais em qual empresa, mas era a gráfica Recife/PE. Depois passei a gráfica Santo Amaro, aí depois passei para Duarte Gráfica e assim, fui subindo. Porque aqui não tinha impressor que trabalhasse com essa máquina, aí me chamaram. Eu disse: bem eu vou passar os três meses, e aqui fiquei. Aí quando cheguei na reitoria eu disse: rapaz eu não vou ficar aqui não. Primeiro, não recebia dinheiro, três meses aqui sem receber um centavo. Às vezes almoçava no restaurante universitário, às vezes. Tinha dia que não almoçava. Morava no Centro da capital paraibana no Hotel São Geraldo. O cara todo dia me botava pra fora, aí eu fui pra reitoria. Quando cheguei lá fizeram as conta, eu tava devendo mais de doze mil cruzeiros. Eu digo tá se eu não tive dinheiro nem pra comer, como é que eu to devendo? Como é que eu vou pagar isso? Como eles não estavam rescindido meu contrato, eu não podia sair. Ai disse: volte e vá trabalhar. Chegava o chefe e dizia: vamos trabalhar, porque se não eu não assino o contrato não. Eu passei três, quando eu ia pra Recife, pra casa da minha tia lá, ela quem me dava o dinheiro. Veio à reforma constitucional, e aí melhorou cem por cento.

S4 (1979) Em primeiro de Janeiro de 1979, vim para trabalhar mimeografo, comecei aprendendo tudo. Na época o diretor era professor Arael, Sr Nau já trabalhava na Imprensa,

ele disse que tinha uma vaga para mimeografo, me chamou fiz uns testes e fiquei. Eu fazia o Material de expediente, formulários, fichas, sendo mimeografo a álcool. Hoje quem faz esse serviço é a copiadora. E devagarzinho fui aprendendo as coisas, aprendendo outras, passei pra impressão de offset, passei muito tempo como impressor de offset, de oito a dez anos. Até o dia que o Professor David Fernandes assumiu a Direção da Editora em 2005 e convidou pra ser chefe de produção, aí passei a coordenar a oficina, atividade que desenvolvo até o presente.

S5 (1992) Tinha uns dezenove anos, e desde os doze anos passei a estudar de noite e durante o dia comecei na marcenaria como aprendiz, em setenta e quatro tinha uma professora aqui na universidade que disse, ter um projeto de fazer tecelagem, então os teares que era de madeira, aí ela disse o pessoal da marcenaria que precisava de marceneiro, eu disse mais eu não sou marceneiro, sou aprendiz, tenho muita coisa pra aprender. Ela disse eu conheço o chefe e me apresentou a ele que disse só falta um contrato, ele não vai chegar aqui sendo, naquela época como tinha a necessidade no Hospital Universitário que tava em construção e tinha a questão dos projetos da marcenaria quem tivesse vontade de fazer, quem tivesse vontade de aprender o pessoal arranjava uma espécie de bolsa, um pré contrato com a prefeitura e depois fui efetivado, mais eu entrei assim como uma espécie de estagiário por contrato, aí como o mestre gostou muito de mim, e eu também me esforcei muito que era uma oportunidade que eu não podia perder, fui avançando, avançando, avançando e de aprendiz passei para artífice, artífice de marcenaria, marceneiro. Continuei estudando, estudando, estudando, fiz vestibular passei, aí senti a necessidade de sair da marcenaria, como era que eu ia estudar, aí eu conversei com o chefe e disse mestre olhe eu preciso estudar, entrar na universidade um ensino agora mais sério e tal, ele disse a gente vai sentir falta de você aqui porque você é uma pessoa que se da bem com todo mundo, aí eu consegui ir para o CCHLA, fiquei lá trabalhando a noite, e estudando durante o dia, estudando, estudando, terminei o curso de Administração passei uns quatro anos esperando o que naquele tempo tinha uma chamada funcional que é um concurso interno que você concorria com seus colegas de repartição, e eu me lembro que tinha quatro vagas para administrador, essa época eu era noivo, o noivado ia acabando porque eu esquecia a noiva metia a cara no estudo, eu digo olha a minha oportunidade é essa, estudei e fiquei em quarto lugar, na última vaga, aí foi a oportunidade que eu passei para administrador e aí depois eu já fiz uma pós e fui tocando o barco. Na época de professor Neroaldo Pontes, quando assumiu a reitoria convidou o prof. David Fernandes para transformar a gráfica Universitária em uma Editora Universitária. Eu trabalhava na coordenação de Comunicação e David me convidou, isso foi em 1992, David

disse vou conseguir uma função (FG) pra você, aí eu fiquei como chefe administrativo e fiquei por uns quatro anos, e depois no reitorado do professor Jader Nunes ele disse vou melhorar sua FG e dar uma portaria pra você e me convidou para ser vice diretor da Editora.

4.2 Nos bastidores da Editora da UFPB

S1 (1965 Sr. Nau) Na minha época o Diretor era Doutor Arael Menezes da Costa, vice diretor era José Candido da Silva, almoxarife era Emilson Ribeiro, O chefe de oficina Cláudio Leite Pessoa. Na oficina tinha eu, Edinaldo Carneiro da Cunha como impressor, José da Costa Cabral, outro impressor, na Linotipe agente tinha Antônio Leite Pessoa e José Figueiredo de Andrade que é outro linotipista, Valter Veloso como mecânico e Acelino Isidoro Lopes como fundidor, que era quem derretia o chumbo pra fazer as barras pra colocar na máquina, na encadernação. Tinha José Dionísio, Eudes e Reginaldo Barbosa que ainda hoje tem uma irmã dele que trabalha na Editora. Da equipe tinha José Fernandes Vieira, que era o chapista e Wiliam que hoje trabalha no setor pessoal da reitoria, na cantina agente tinha o rapaz que se chamava Pedro Paulo, essa foi a primeira equipe da Gráfica que se transformou em editora.

S2 (1977) O quadro de pessoa da Editora tinha muita gente. Quando a gente chegou ai foi que assinou tinha muitos funcionários aqui, tinha mais ou menos cento e poucos, todas as máquinas funcionavam, tinha uns cento e pouco mais a maio parte era do Estado e Eu trabalhava aqui e trabalhava no Estado. Aí foi no tempo que o Governador da Paraíba Tarcisio de Miranda Burity entrou e aumentou o salário e todos foram embora, tiveram que optar entre o Estado e a UFPB. No caso da UFPB ganhava pouco e quem tinha só esse emprego mesmo é que ficou aqui. Depois que a turma saíram foram para o Estado, contratou-se Zé Nilton, Xena, Boca de Cabelo, Marco, seu Teixeira. A gente chegava e ficava esperando as vezes não ia nem pra casa. Quando a gente entrava aqui, a gente recebia toalha, até os potinhos pra gente trabalhar, pincel, espalta, tudo a gente recebia, essa sala aqui era a sala de guardar os leites, a gente tomava muito leite. O leite vinha de caixa. Era gelado, era duas vezes, de manhã e de tarde. Porque o leite cortava o efeito do produto químico e quando tinha aquela linotipo ela soltava fumaça, o galpão se enchia de fumaça, a gente saía e vinha pra fora por conta do mau cheiro, tínhamos que tomar leite pra cortar o efeito. Esse pedacinho aqui [apontando para o espaço físico] era a livraria aqui dentro, as pessoas entravam pedia o livro e compravam. Quando era nove horas, eles tocava a campainha e a gente parava as máquinas e vinha com os copo tomar o leite. Era leite Ninho. Na gestão do professor David Fernandes o leite parou de ser fornecido e acabou com o uso da máquina linotipo.

S3(1978) Depois que a TV chegou aí foi que mudou mesmo, esse salão da gente aqui era até lá do outro lado, porque tinha maquina até por trás, aí hoje não desativaram as tipografias. As máquinas foram quebrando, A offset tinha duas, hoje só resta uma servindo. Sou eu mesmo que cuido dela. É a gente ajeita de um lado ajeita do outro, e ela trabalha. O clima com os colegas era bom. Não tinha confusão, não tinha nada. Tinha uma briguinha né? Que era normal. Depois vieram os novatos a turma antiga foi quase toda transferida, apenas Zé Nilton morreu. Nessa época tinha o timezinho daqui e era o goleiro. O time da gente era bom. Hoje não há mais o campeonato gráfico, mas antigamente tinha, a gente foi campeão várias vezes. Eu acho que Zeca ainda tem o padrão. Tínhamos tudo!

Quem era que organizava esses jogos na época era Moreira, Gildo, que morreu já.

S4 (1979) Na época eu peguei já o finalzinho de professor Arael, ele ainda estava aqui no finalzinho, aí eu é seu Nau já trabalhava aqui. Já era Editora. Só que as publicações de livro, era não tinha divulgação, publicava muito livro é esses, é livro acadêmico, mais só que não tinha divulgação, divulgação passou depois que David Fernandes chegou, foi que David constituiu a equipe que tá hoje.

S₅ (1992) A Editora em 1992 contava com setenta e oito funcionários salve meu engano. Aí quando a gente chegou tinha uns colegas nossos já com tempo para se aposentar, mas foram ficam e o setor foi só enchendo. Na gestão de David Fernandes o vice foi professor Silvano, depois ele teve que se afastar pra continuar o doutorado dele, teve a professora Dulce, passou pouco tempo também porque ela tinha as obrigações dela e nem sempre ela podia ta, aí veio o professor Everaldo Vasconcelos, depois de professor Everaldo disseram agora vai ser tu, eu digo mais rapaz, não vai ser tu, aí eu fiquei.

4.3 Imprimindo lembranças nos espaços da Editora

S1 (1965) Era em Jaguaribe, lá onde funciona o Pan de Jaguaribe, é um bloco que tem lá na esquina. Pronto, aí com o desenrolar nessa época nós tínhamos uma impressora minerva, ainda hoje deve estar por aqui no canto, tínhamos uma Idelberg de palheta, uma impressora e tínhamos Nebiolo, uma impressora Nebiolo era uma máquina bem grande, e para completar Como eu era o menor da equipe fui trabalhar nessa máquina. Tinha lá a Nebiolo, duas linotipe, uma guilhotina e uma máquina de dobrar, que até hoje tá por aí, essa máquina chegou um pouco depois. Tinha três impressoras, nos três sistemas, uma minerva, uma de palheta e uma plana. Ficamos em Jaquaribe, de 69 pra 70 estavam construindo o prédio dentro do Campus da UFPB. Quando agente veio fazer a visita ver as instalações e em fevereiro se não me falhe a memória, foi dada as férias coletivas, que já era normal, momento que se

aproveitou para fazer a mudança das máquinas do primeiro prédio para o Campus em março de 1970. E aqui começamos aqui nesse prédio. Aí nessa mudança aqui pra cidade universitária vieram depois duas impressoras planas KSBA, ainda existe uma delas que tem uma dela aí, vieram duas, veio até um mecânico da Alemanha, era Volfman o nome dele, e eu fui sempre quem participei da montagem, tanto da transferência, já na montagem e lá na transferência para as instalações nas dependências da UFPB. Trabalhei, eu e Gabriel Moreira, era um mecânico conhecido aqui e Severino de França que era um dos originais Idelberg, em seguida veio pra aqui essas duas Ofsete, depois veio a maquina de costurar livro.

S2 (1977) Tinha mais de cem pessoas e aqui se fazia tudo, convites, prova do vestibular. Mudava, mudava, cada um que chegasse trazia o seu, trazia sua turminha, agora só não mexia com a gente ali. Cada diretor mudava a forma de administrar. É por isso que eu digo, sempre estou naquele primeiro birôzinho, vem um, vem outro, vai colhe, e agente ali só olhando. Pontes foi o diretor que expandiu a editora Porque aqui não existia offset até setenta e oito, não existia, era só tipografia. Pra mim, hoje é uma tristeza quando eu entro, eu discuti muito aqui dentro, não vou dizer que eu nunca discuti, quando eu vi essa TV aumentando e tudo que não prestava colocavam pra cá, como se fosse um depósito. Eu me vi cercada por lixo, eu fui obrigada a chegar ali e bater no birô e dizer: Estou trabalhando num setor de trabalho e não no lixão do Roger, de hoje em diante ninguém bota mais lixo aqui dentro não, o que não prestar joga fora. Aí foi quando não colocaram mais lixo, eu me sentia assim, sentada dentro do lixão do Roger, que ainda hoje quando fecharam ali tudo, sacudiram aqui, ali ainda tá arrumadinho porque ainda foi eu que arrumei. Peguei aqueles livros, coloquei-os em baixo da mesa, saí arrumando nas estantes porque estava tudo sacudido ali dentro quando fechou a livraria. Eu mesmo me sentia dentro do lixão do Roger, porque quando vinha um professor aqui dentro entrava aqui com uma mascara. Quer dizer, eu tô num lixo, isso é uma tristeza muito grande pra mim. E tinha mais do professor Pontes, na sexta-feira ele mandava todas às maquinas de tarde parar e os serventes lavar aquele setor.

S3(1978) Lembrei-me do diretor Sávio Ele trouxe muito livro aqui na editora. Foi ele também quem contratou funcionário pra dentro na época dele, entrou Almir, Batata, Wilson, Francisco tudo na direção dele. Aqui precisa de um maquinário novo, olha a máquina que cola o livro ela trabalha em que porque ela tem um disco. O disco cego ninguém comprou mais, aí trabalha com o cachorrinho somente, a gente tem que fazer o quê? Corta o dorso do livro pra poder ela colar, porque antes não dobrava o livro ela passava serrilhava, não tinha problema, mais hoje não é só alguns cachorrinhos assim aí num faz isso, o aumentou muito o trabalho, agora o quê? Uma peçazinha assim. Se comprar essa peça ela fica em ordem, trabalha normal.

Tem muita aqui que não precisa disso, mandar da uma revisão em outras máquinas daria para funcionar, tudo foi falta de manutenção.

S4 (1979) E aí era responsável exclusivamente pelo mimeografo a álcool e fazia todo material de expediente da Universidade. Só o Hospital Universitário para gente atender era muita coisa, a gente atendia a tudo e o material chegava era datilografado, trazendo ele datilografado ele queimava tirava, como um escâner de hoje, fazia o procedimento e queimava no extenso e daí rodava, e nessa época todo material, todo serviço entrava aqui através do almoxarifado central, não vinha direto pra editora, ia pra lá aí já vinha com papel, já vinha com tudo pra aqui. Depois de um certo tempo quando David Fernandes assumiu foi que houve a mudança, aí passou a vir tudo direto pra, pra editora e depois a gente, era solicitado o material do almoxarifado, aí depois passou o almoxarifado a ter a matéria-prima aqui. A falta de manutenção. Tem lá pra desde 1979 pra cá não houve manutenção como renovação do parque gráfico que não foi renovado três ou quatro máquinas foi renovada e aqui, as outras permaneceram do mesmo jeito e sem manutenção, é tanto que hoje a nossa offset não funciona plenamente por falta de manutenção, o estágio não dá mais. Só foram renovadas a máquina de colar livro, a guilhotina e as duas copiadoras. As outras permanecem do mesmo jeito.

S5 (1992) A estrutura era grande, todo o prédio atual era só editora, editoração e produção. Esse prédio todo era da editora gráfica, e até quando a gente botou a livraria botou ali no final do prédio, aí depois foi que foram sedimentando. Durante a gestão dos dezesseis anos do professor David, ele criou a coleção Novos Autores paraibanos; vinculado a PRAC, porque até então seria uma atividade extensão, que era pra contemplar os novos autores que tem poesia, tem conto, tem poesia, romance e teatro. Ele criou também a série teses com livros da pós graduação e tinha sido aprovada com Distinção e sugestão pra publicação. Tudo era financiado pela universidade. Autores Associados, outra categoria devendo estes custear sua produção via Fundação Amparo a Pesquisa (FUNAP) que pertencia a UFPB. Nessa série o autor financiava a publicação com os recursos próprios depositados na FUNAP e a FUNAP era quem gerenciava os recursos e a gente produzia o livro.

Quanto a Livraria a idéia veio quando a gente começou a participar dos encontros nacionais da ABEU e todo mundo tinha livraria, e interessante a gente tinha uma boa produção e não tem a livraria, a gente tem um depósito aí, tinha um programa chamado PIDL programa interno de distribuição de livro entre as editoras universitárias, só fazia mandar os livros pra lá e receber, tinha um ponto de venda interno que não era ponto de venda, nem visibilidade tinha, tinha essa necessidade de se ter uma livraria. Tudo isso foi criado na gestão

de David e quando assumi mantive essa organização, mas depois ele veio com uma ideia de acabar com a gráfica e deixar apenas a editora e foi criado o Polo que instalou-se no prédio da editora

5 MIMEOGRAFANDO LEMBRANÇAS

As narrativas dos servidores da Editora da Universidade Federal da Paraíba, remonta tempos áureos, trabalho em conjunto, expansão do parque gráfico e, sobretudo o aprendizado em grupo, o aperfeiçoamento das práticas fabril, bem como a inovação tecnológica do Parque gráfico e a educação continuada dos servidores.

Por outro lado, percebe-se na sonoridade das vozes dos depoentes, certo ar de tristeza quando narram o descaso a que foi submetida a Editora da UFPB, apesar de já ter consolidado tantos projetos como Autores Associados, Livraria que mantinha lançamento de livros e auxiliava na publicização dos resultados das pesquisas, um dos tripés da Universidade, por meio da produção de livros. Ver o produto final, servia de balsamo para que os servidores se mantivessem produtivos. A decadência em nome do uso das tecnologias de comunicação com a implantação do Polo multimídia que ocupou os espaços físicos da Editora, contribuindo para transformar seu parque gráfico metaforicamente comparado a um lixão, um lugar de entulho, que provou o desânimo e baixa produtividade até a desativação da livraria. Tudo isto, levamos a compreender que (re)construir a narrativa das trajetórias de vida sobre a voz dos sujeitos protagonistas, tratando sobre as percepções que eles trazem sobre a Editora da UFPB.

A matéria prima das narrativas com as quais trabalhamos na história oral são as lembranças. Para Halbwachs (1990, p. 71), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”, portanto, a representação da realidade vivida.

REFERÊNCIA

- ABREU, R. **A fabricação do imortal. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- AROSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teórica e método.** Bauru-SP, Edusc, 2006.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informações e Memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1 n. 2, p. 5-20, jul./dez. 2007.
- BOURDIEU, P. **A leitura: uma prática cultural.** Debate entre Pierre Bourdieu e
- DODEBEI, V. Memória, circunstância e movimento. In:_____. **O que é Memória social?**. Rio de Janeiro: PPG em Memória Social, UFRJ, 2005.

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais: Salvador da Bahia, cidade puzzle. In: MOTTA, F. C. P.; CALDAS, M. P. **Cultura Organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarves, 2006. jan./jun, p. 20-24, 1995

LAROSSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**, São Paulo: Vozes, 2004.

LEGOFF, J. **História e Memória**, Campinas. Campinas, SP: UNICAMP. 2003.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Informare**, v. 1, n. 2, jul./dez, p. 11-23, 1995.

MIRANDA, W. M. Arquivos e memória cultural. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 35-42.

NORA, P. Entre Memória e história; a problemática dos lugares. **ProjetoHistória**. São Paulo, n.10, 1993. p. 7-29.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1,

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas,SP: Unicamp, 2007.

RICOUER, P. **O si mesmo como um outro**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.